

As Origens da Independência na América Espanhola

Rubens Malcher Pinho

A POLÍTICA BOURBON PARA AMÉRICA, INÍCIO DAS INSATISFAÇÕES COLONIAIS SÉCULOS XVIII AO XIX.

Apesar de as economias hispano-americanas e sua metrópole terem poucas diferenças entre si (era claro o subdesenvolvimento da Espanha em uma Europa cada vez mais ciente da Revolução Industrial), como a extração de metais pelos primeiros que os colocariam como colônias com um belo futuro de perspectivas a frente, havia ainda no seio dos colonos uma clara identificação com o Império Bourbon em fins do século XVIII.

Novas idéias mercantilistas e político-filosóficas pululavam na Europa, fazendo com que os Bourbons resolvessem revitalizar suas colônias na América a partir de meados do século XVIII seguindo seus próprios preceitos: “Invocaram-se as idéias dos fisiocratas para estabelecer o primado da agricultura e o papel do Estado; recorreu-se ao mercantilismo para justificar uma exploração mais eficiente dos recursos coloniais; buscou-se no liberalismo econômico uma base para eliminar as restrições ao comércio e à indústria.”^[1] Até mesmo dos enciclopedistas bebeu-se um pouco com um único objetivo: o de reformular a velha estrutura colonial em busca de maior estímulo à agricultura (em detrimento de uma conjunta implantação industrial, primeiro sintoma de erro). O alto crescimento demográfico na Espanha gerou esta nova procura por terras (em cerca de 57%, partindo de 7,6 milhões de habitantes no início do século XVIII para 12 milhões no início do século XIX). As taxas de arrendamento da terra na Espanha sobem muito mais que o preço dos produtos em razão desta alta natalidade. A resolução borbônica fora criar as regras do *comercio libre y protegido* em 1778 em Buenos Aires, Chile e Peru e em 1789 na Venezuela e México (sendo que desde 1765 já se realizavam reformas na velha estrutura do comércio transatlântico), acabando com muitas das restrições do comércio da própria Espanha com a América hispânica em favorecimento dos primeiros. Isto é: o principal intuito do *comercio libre* era o de desenvolver a Espanha, não a América. Gaspar de Jovellanos, um economista liberal espanhol “(...) elogiou o decreto de 1778, por dar maiores oportunidades à agricultura e à indústria espanholas num mercado que justificava sua existência mediante o consumo de produtos espanhóis: ‘As colônias são úteis na medida em que oferecem um mercado seguro para a produção excedente da metrópole.’”^[2]

Foram feitas muitas restrições e exigências à América espanhola. Muitas impossíveis de serem realizadas, sem gerar - inicialmente - qualquer tipo de insatisfação. Por certo, o comércio marítimo espanhol se expandiu após as reformas borbônicas. O porto de Cádiz era o mais utilizado (entre 1778 e 1796 concentrou 76% das exportações espanholas e reexportações de produtos fabricados em outros países para a América), sendo também o de mais altas taxas alfandegárias. O porto de Barcelona, cidade que cada vez mais se industrializava, era o segundo mais utilizado.

Os produtos exportados pela Espanha, por muitas vezes, competiam com os próprios produtos existentes na América por serem, em sua maioria, de procedência agrícola. Sendo assim, o *comercio libre* não punha os mercados americanos e espanhol em concordância ou complementaridade, pois competiam entre si. Embora encontremos o desenvolvimento de manufaturas em Barcelona, a produção espanhola era essencialmente agrícola. As diferenças entre a Espanha e suas colônias era pouca ou praticamente nula, sendo um motivador para as insatisfações coloniais que começam a insurgir. “O novo impulso que foi dado ao comércio espanhol logo saturou esses mercados limitados, de modo que as colônias se defrontaram com um problema freqüente: lucrar o suficiente para pagar as crescentes importações. As bancarrotas se repetiam, a indústria local declinou, mesmo os produtos agrícolas, como o vinho e o conhaque, estavam sujeitos à concorrência das importações; e os metais preciosos se escoaram nesta luta desigual.”^[3]

O *comercio libre* era favorável à Espanha em todos os sentidos, em detrimento de uma América abandonada e cada vez mais ciente da necessidade de ser autônoma. Esta autonomia se via interferida pela ação espanhola contra, até mesmo, o desenvolvimento de indústrias na América. Existiam manufaturas já em Puebla, Quito e Querétaro, *obrajes* em Cuzco e Tucúman. Todas entraram em decadência em razão das imposições da metrópole (que era incapaz de abastecer de produtos industriais próprios a América). A Espanha, mesmo adotando uma política de reexportação de produtos industriais, enfrentava alguns dilemas. Um exemplo: “As oficinas têxteis do México e de Puebla produziam o suficiente para pôr em alerta os manufatureiros de Barcelona, que freqüentemente se queixavam dos efeitos da concorrência local sobre suas exportações e tentavam junto à coroa ‘ordens mais rigorosas para a imediata destruição das fábricas têxteis instaladas nessas colônias.’”^[4] Cedendo às pressões, decretos reais de Novembro de 1800 e Outubro de 1801 proibem a constituição de fábricas na América espanhola. Para a Espanha era muito mais importante a produção de mercadorias coloniais e a extração de minérios do que o desenvolvimento de uma indústria ou aperfeiçoamento do mercado nas colônias. A guerra da Espanha com a Inglaterra entre 1796 e 1802 favoreceu os têxteis americanos, pois isolara as colônias americanas da metrópole. O retorno das atividades dos manufatureiros americanos se dá a partir de 1804, enfrentando ruidosa oposição dos manufatureiros localizados em Espanha.

A Inglaterra demonstrava-se superior no comércio marítimo, suplantando a Espanha no momento de seu embate (isto é: a partir de 1796) no comércio com a América. O comércio com os estrangeiros era impossível de ser evitado, pois encontrava-se a Marinha espanhola completamente debilitada. Novos mercados se abriam para a América espanhola no momento dos embates: EUA e outros países neutros aproveitaram-se desta oportunidade, reexportando até mesmo produtos manufaturados na Inglaterra. A Paz de Amiens, em 1802, ofereceu uma oportunidade de soerguimento das exportações espanholas. Porém, 54% dos produtos enviados pelo porto de Cádiz à América eram de procedência estrangeira! Pior, em 05 de Outubro de 1804 há um novo declarar de nova guerra por parte da Inglaterra (ávida pelo mercado americano, devido ao fechamento dos portos europeus à entrada de seus produtos por Napoleão) contra a Espanha. O controle político espanhol entrava em crise.

Uma tentativa de tomada de Buenos Aires por parte de uma força expedicionária inglesa esbarrou na resistência dos colonos voluntários entre 27 de Junho e 12 de Agosto de 1806, fazendo os ingleses capitularem em direção à Montevideú (capturada em 03 de Fevereiro de 1807). "(...) Cruzando o Rio da Prata a partir de Montevideú, os ingleses avançaram contra o centro de Buenos Aires, onde foram encurralados pelos defensores, sendo forçados a capitular e a concordar em retirar-se do país."⁶⁵ Não havia interesse hispano-americano em trocar um governo imperialista por outro, mas sua ação organizada de defesa de suas terras e propriedades os fizeram compreender, ainda mais, a debilidade espanhola frente à proteção de seus próprios interesses na América. Os *criollos* haviam experimentado o poder e, assim, foram introduzidos na política.

Os dados demográficos eram favoráveis aos *criollos* em detrimento dos peninsulares. Lynch suscita dúvidas com relação à igualdade legal entre *criollos* e *peninsulares*.⁶⁶ Mas é certo que a Espanha desconfiava dos americanos. Em razão disto, os exclui dos postos de responsabilidade, na ocupação dos mais altos cargos ou do comércio transatlântico na América. O objetivo espanhol era o de des-americanizar a América, com medo de perdê-la, como garantia de lucro aos cofres reais. Daí a nomeação dos peninsulares para todos os cargos de confiança em que se exige liderança sobre os *criollos*. Os *peninsulares* se consideravam superiores aos brancos (descendentes de europeus) nascidos na América, como podemos observar na análise de Alexander von Humboldt: "O europeu mais baixo e com menos educação e cultura acredita ser superior ao branco nascido no Novo Mundo."⁶⁷ Mas, de certa forma, a moderna historiografia em muitos momentos encontra alianças entre peninsulares e *criollos* em torno de interesses, funções e parentesco, diminuindo em certos aspectos a dicotomia apontada por Humboldt.

Além destes fatos, o desenvolvimento econômico não gera grandiosas modificações sociais na Espanha. Havia o desejo, por parte do governo, de aumentar a oferta de alimentos e os proprietários rurais (clero e nobres) desejavam aumentar seus lucros, assim como para os exportadores interessava a procura por novos mercados. O mercado na Espanha estava fechado para a Europa e a América, ao horizonte, servia-lhes como estímulo de lucro imediato.

Também se observa na Catalunha um primeiro desenvolver de manufaturas de lã e algodão, exportando para a América seus produtos através do porto de Cádiz. Mas os problemas enfrentados pela Espanha eram muitos. Não havia uma estruturação com relação ao desenvolvimento industrial tardio, nem mesmo motivação. Não havia interesse em acumular capital para se implantar na indústria. O objetivo maior era o de adquirir mais terras e artigos luxuosos importados. Não havia um mercado nacional para a indústria: o sistema de transportes em fins do século XVII na Espanha não comportava a demanda populacional nem tampouco a transferência de produtos de um lado a outro do país. Por mar era muito mais simples adquirir-se um produto (ultramarino) do que por terra, como nas cidades do interior da Espanha. Isso deixava cidades litorâneas como Barcelona e Cádiz mais estruturadas e receptivas ao desenvolver de uma nova metodologia comercial que Castela, quase inacessível por terra, localizada que era no interior da Espanha.

Perdiam-se inúmeras oportunidades comerciais de exportação em razão desta limitação estrutural. Apesar de o interior espanhol ser auto-suficiente no gênero alimentício, muitas das cidades do litoral tinham que importar seus cereais e alimentos em geral. Cuba é um exemplo de colônia que se volta aos EUA em razão da deficiência espanhola em abastecê-los com farinha de trigo. Carlos III (que governara de 1759 a 1788) é o primeiro dos Bourbons a se encarregar das políticas de modernização comercial e colonial da Espanha. O comércio marítimo seria um essencial exportador do excedente agrícola da Espanha (embora encontremos uma estruturação das manufaturas de Barcelona). No governo de Carlos IV (1788-1808) a Revolução Francesa gera temor na Monarquia espanhola, ocasionando em uma reação sem precedentes na Espanha e, em subsequência, nas colônias americanas. A nomeação do Primeiro-Secretário Manuel Godoy por Carlos IV é um sintoma do retorno à velha Casa dos Habsburgos: Godoy considerava a América Latina uma mera fonte de metais preciosos e de pagamento de tributos. A prata da América Hispânica também interessava à Inglaterra, que vivia seu auge da Revolução Industrial (com exportação de 1/3 de sua produção) e que, com a introdução do ferro e do aço na indústria, tem motivado seu crescimento e necessidade de novos mercados de escoação (dado que a Europa estava, a partir da ascensão de Napoleão, completamente fechada aos seus produtos), encontrados na América.

A Inglaterra não queria influenciar na política espanhola na América, apesar da insistência de setores produtivos da América hispânica. "Durante os tempos de guerra com a Espanha, sobretudo depois de 1796, quando a armada britânica bloqueou o porto de Cádiz, as exportações

inglesas abasteceram as colônias espanholas durante as épocas de escassez subseqüentes.^[8] E, a partir da receptividade dos colonos, nota-se o quanto é frágil a Espanha perante a Inglaterra e seus produtos (além da disseminação de seus ideais de liberalismo econômico).

Havia um equilíbrio de poder na América entre a administração (que detinha o poder político, mas não o poder militar), a Igreja (que possuía uma hegemonia econômica e jurídica) e a elite local (formada de uma minoria de *peninsulares* e de uma maioria de *criollos*) em período anterior às reformas borbônicas. “A burocracia tradicional refletia essas condições, curvando-se às pressões e evitando conflitos, constituindo-se de fato não em agentes da centralização imperial, mas em intermediários entre a coroa espanhola e os súditos americanos, instrumentos muito mais de devolução burocrática de direitos do que de um Estado unitário.”^[9] Toda essa organização gera uma não aceitação por parte dos Bourbons, pois era comum a compra e troca de cargos. Sua política de reformas administrativas põe em xeque toda estrutura oficial até então. O novo absolutismo exigia a ação e função do Estado em detrimento do setor aventureiro-privado presente na América. O afastamento da classe governante local fora uma das primeiras ações de Carlos III. Criaram-se Vice-Reinados e novas ordenações administrativas, uma vigilância mais rigorosa sobre os latinos-americanos era fundamental nesta nova política. “O que para a metrópole era desenvolvimento racional, as elites locais interpretavam como um ataque aos interesses locais.”^[10] A partir de tal modificação, os intendentés são substituídos pelos *alcaldes mayores* e pelos *corregidores*. Os intendentés se viram prejudicados por terem se dedicado por anos a conciliar diversos setores na América e se verem aliçados, de uma hora para a outra, de todo o processo administrativo.

Através do *repartimiento de comercio* pretendia-se atender diversos grupos de interesse na América latina. Os índios foram libertos, mas incentivados a pegarem dinheiro emprestado com tais *repartimientos* no intuito de plantar para exportação (ou apenas consumir). Este fato fora o principal motivador da rebelião indígena de 1780, no Peru. Em 1784, no Peru, e em 1786, no México, a Ordenação dos Intendentés põe fim aos *repartimientos*, substituindo-se os *alcaldes mayores* e *corregidores* por intendentés.

Mas a intervenção direta da metrópole gera grandiosa insatisfação entre muitos *criollos* e - até mesmo - peninsulares na América latina. Breves períodos de agitação na América geram sabotagens à política dos Bourbons em suas colônias. Insurgem insatisfações de todos os setores sociais, como veremos no decorrer deste trabalho.

Outro exemplo fora a expulsão dos jesuítas em 1767 (cerca de 2500 no total), sendo que em sua maioria eram americanos nativos afastados de sua terra natal. Exilados na Europa, tornam-se a ponte do início de uma propaganda Nacionalista américo-hispânica, a partir do exílio europeu, divagando em suas obras sobre as riquezas de sua terra original. A posse de *haciendas* no Paraguai e diversas posses na América conferiam aos jesuítas certa independência econômica. Suas vastas e ricas terras, além de outras propriedades, foram vendidas (ou leiloadas) para os grupos sociais mais ricos da colônia, como os *criollos*. Ainda assim, a expulsão dos jesuítas foi vista por muitos hispano-americanos como a expulsão de compatriotas de seus próprios países.

Aos reformadores Bourbons não interessava uma reformulação da doutrina Católica, mas a diminuição de seu poder econômico era essencial para a sua política de centralização econômica. Esperavam pôr as mãos nos bens da Igreja após seu enfraquecimento. Houveram reações, pois muitos “(...) opuseram-se à política da coroa e em muitos casos receberam o apoio de leigos devotos.”^[11] Sendo assim, muitos do baixo clero no México (por exemplo) foram os mais prejudicados, sendo facilmente recrutados - em um momento posterior - na fileira de rebeldes milicianos e insurrectos contra a Metrópole.

O Exército era outro exemplo de desarticulação espanhola na América. As milícias coloniais eram formadas por americanos, sendo reforçadas por *peninsulares*. A partir de 1760, com a instituição do *fuero* militar, atraí-se mais recrutas *criollos* e, até mesmo, *mestizos*, que estão à procura dos benefícios fornecidos a um militar, tornando-se assim maioria entre os da milícia e gerando futuros problemas à Espanha.

Em Janeiro de 1780, quando eclodiu a rebelião indígena no Peru, a milícia não ofereceu nenhum tipo de resistência, gerando críticas à sua ação. A Espanha notara o quanto em risco representava ter entre os de sua milícia na América os insatisfeitos *criollos* e *mestizos*. Para arrefecer os rebeldes índios, é enviada ao litoral uma tropa real (fiel aos Bourbons) formada por *peninsulares*, índios leais e - até mesmo - negros e mulatos. A partir de então forma-se um Exército regular na América, barrando-se os *criollos* de uma superior promoção militar (a cargo dos fiéis *peninsulares*), evitando-se rebeliões. Mais: o medo que os *criollos* tinham dos índios e *mestizos* tornam-os aliados dos *peninsulares*, mesmo que em uma relação de subjugação à coroa de Espanha.

Essas insatisfações no Peru geraram proximidades entre brancos e índios pois estas, em alguns interesses, eram coincidentes. O movimento “(...) organizara-se contra as taxações alfandegárias internas, o aumento nos impostos sobre as vendas e outras formas de pressão fiscal. (...)”^[12] advindos da Espanha. Os índios, provindos aos milhares da *sierra* e das cidades, se aliam ao Exército, embora os mais participativos tenham sido os *criollos* e *mestizos*. Mais participativos, pois sua rebelião contra os impostos tornou-se o carro mestre da rebelião, fazendo ficar em segundo plano (e assim eliminado) a revolta indígena que possuíam propostas muito mais profundas de modificação do *status quo* tirânico. Se viam infligidos pelos “(...) *corregidores*, bem como pelos funcionários, juizes e comerciantes; na intransigente cobrança do tributo, dos impostos e dízimos; no *reparto*

ou imposição da compra de mercadorias; e no sistema da *mita*, com suas condições desumanas de trabalho forçado, sobretudo nas minas de Potosí.^[13] Até mesmo setores medianos de proprietários índios se revoltaram contra as altas taxações, favorecendo o insurgir de lideranças rebeldes.

Dáí temos Túpac Amaru, um índio instruído, descendente da família real inca, inicialmente favorável à uma revolução pacífica. Dois fatores foram estimulantes à uma futura atitude revolucionária sua: uma negativa, após negociação nos tribunais espanhóis, por Justiça aos índios na América; e a crescente pressão contra os índios no Peru por parte do visitador-geral José Antonio Areche. Em Novembro de 1780, ele lidera em Cuzco um movimento por insurreição contra os *corregidores*, "(...) saqueando *obrajes* e ocupando aldeias."^[14] Este movimento estende-se por grande parte da área Sul, assim como pelas Províncias *aimarás* do Alto Peru, havendo continuidade e liderança favorecidas pelo grandioso laço parentesco de Túpac Amaru. Ele pedira a ajuda dos *criollos* na luta dos índios, "(...) pela 'proteção, preservação e tranqüilidade dos europeus.'"^[15] Essa tentativa fracassa por ser revolucionária demais aos modos *criollos*, que mais temiam os índios que os próprios europeus. A atitude de Túpac Amaru somente fazia atrair os despossuídos em seu intuito pela liberação dos escravos (ao menos os que lutassem ao seu lado) e pela extinção do trabalho forçado. Os *obrajes* e os *departimientos de comercio* foram os mais atingidos pela fúria comandada por Túpac Amaru, além das posses dos brancos (destruindo suas cidades e respectivos habitantes), gerando uma aliança entre os setores conservadores da Igreja, do Estado e, até mesmo, entre *criollos* e europeus contra os índios. Após o fim do combate, com a derrota indígena, foram contados aproximadamente 100 mil mortos (em sua maioria, de origem indígena).

Em Janeiro de 1782 os espanhóis retomam o poder no Peru, após a morte de diversos líderes indígenas, "implantaram-se então algumas reformas institucionais - os intendentes substituíram os *corregidores* e extinguiu-se o *repartimiento* - mas essas medidas tiveram em vista muito mais o fortalecimento do domínio imperial do que do bem-estar dos índios."^[16] Mais: muitos caciques do próprio Peru (cerca de 200) se aliaram ao rei espanhol por rivalidades pessoais que mantinham contra Túpac Amaru, já que se encontravam inseridos no sistema capitalista-mercantilista espanhol. Já os *criollos* temiam comandar um movimento que não pusesse controlar em razão de seu menor número (em comparação aos índios).

A existência destas primeiras contestações auxiliam no desenvolvimento de uma auto-consciência de nacionalidade. Embora os discursos pela independência tenham surgido em um momento posterior, os espanhóis classificaram o movimento índio como subversivo, sendo que modelaram a história à sua vontade vitoriosa. O que interessava aos índios, na realidade, era um retorno à um período de ouro anterior ao do governo Carlos, quando as taxações, impostos e centralização burocrática não interferiam de forma onerosa em suas vidas. Não havia inserido aí nenhum discurso pela independência ou algo do gênero (ver o discurso: "Viva el rey e muera el mal gobierno").

Todo o arrecadamento da América hispânica era enviado (sem restrições) à metrópole a partir de 1750. Fora instituído a *alcabala*, um abusivo imposto sobre as vendas que oneravam as transações em suas constantes taxas elevadas. O arrecadamento era enviado diretamente à coroa em Espanha, sem uso de parte da riqueza na estruturação das próprias colônias. Não havia um suprimento de moedas na América. A arrecadação teve grandiosa importância para as finanças espanholas, sendo que houveram quedas nesta arrecadação em momentos de guerra com a Inglaterra (1797-1802 e 1805-1808).

A política externa espanhola não consultava os colonos. Mineradores do México e Peru são os que mais sofrem com os impostos de guerra sobre a prata e todo o necessário para sua extração. Apesar disso, a partir de 1776, os custos de produção mineral são reduzidos pela Espanha gerando insatisfação (agora) entre os agricultores.

As primeiras insatisfações contra a política dos Bourbons eclodiram a partir de 1765, em Quito. Era um protesto contra o esmagamento dos impostos sobre uma indústria em decadência, aliando diversos setores contra a administração corrente (ou seja: um primeiro conflito violento entre *peninsulares* e *americanos*). Mas entre 1779 e 1783, anos de guerra com a Inglaterra, houveram vários processos contestadores do Império Bourbon na América. Um, já citado, fora o do Peru em 1780, cujas insatisfações *criollas* resultaram em rebelião indígena. Na Nova Granada de 16 de Março de 1781 houve uma nova aliança entre os *criollos* e *mestizos* em extremos e violentos protestos contra o vice-rei. Comandados por Juan Francisco Berbeo (*hacendado* de posses modestas e alguma experiência militar), "os rebeldes recusaram-se a pagar os impostos, atacaram os depósitos do governo, expulsaram as autoridades espanholas e, em nome do *comúm*, aclamaram um grupo de chefes."^[17] Um movimento predominantemente de *mestizos* passou a ser comandado por uma elite *criolla* que se alarmara com as proporções tomadas pelo movimento.

Estes *comuneros* eram aos milhares e resolvem marchar em direção à Bogotá junto aos índios. Poderiam ter imposto sua vontade aos *criollos* e *peninsulares* daquela província, já que eram em muito maior número. Mas seu intuito não era nem um pouco revolucionário, sendo os *comuneros* monarquistas. Sua palavra de ordem era: "Longa vida ao Rei e morte ao mal governo." Isto é: eram apenas contrários às arbitrariedades impostas pelo sedento Império espanhol, não contra a forma de governo. Não havia inserida, neste movimento, uma proposta de Independência. Berbeo, o líder *criollo*, consegue impor uma ordem à rebelião. Negocia com o arcebispo Berbeo e Caballero e, de forma indireta, com a elite *criolla* de Bogotá. O objetivo era evitar uma rebelião mais violenta.

“O movimento *comunero* foi uma aliança temporária entre aristocratas e plebeus, homens brancos e de cor, contra a opressão burocrática e as mudanças fiscais.”^[18] Os chefes tomaram a frente da revolta para controlá-la e torná-la em benefício próprio. Estes líderes eram, em sua maioria, médios proprietários de terra e comerciantes. A própria aristocracia *criolla* de Bogotá tinha insatisfações contra a coroa em razão dos altos impostos. Queriam que os nacionais tivessem vantagens contra os europeus. Só que os cidadãos de Bogotá estavam assustados com o fato de existirem milhares de índios prontos a adentrar de forma violenta (e talvez vitoriosa) na cidade, daí a negociação pela capitulação. No quesito posse de terra, os *criollos* e *mestizos* levavam maior vantagem que os índios. Os primeiros eram compradores em potencial de terras dos terceiros.

A capitulação gera revolta nos setores mais pobres (índios, *mulattos* e setores *mestizos*). Tinham um líder os mais radicais, contrários à capitulação. Este era José Antônio Galán, que vira na capitulação uma forma de impedir a entrada dos *comuneros* em Bogotá. Ele era um *mulatto* ou *mestizo*, não se sabe ao certo, sendo que os *criollos* (alarmados com esta variação radical do movimento) aliam-se às autoridades para fazer silenciar o “Túpac Amaru” de Nova Granada (como era chamado Galán pelos *criollos*), que se organizara em uma nova marcha contra Bogotá.

Os líderes *comuneros* foram absolvidos após a capitulação. Já Galán e seus aliados são assassinados, servindo assim de exemplo ao povo e (indiretamente) aos próprios *criollos*. Seus antigos camaradas de luta são os mesmos que se voltam contra si. Estava comprovado, desta forma, que os *criollos* mais temiam o povo compatriota que os próprios espanhóis. Mais ainda: futuros líderes da Independência da América hispânica viram neste movimento um primeiro desperdício da chance de libertação do jugo espanhol, fazendo-nos concluir que seu objetivo real não era o de libertação dos povos latino-americanos.

De 1796 em diante, com o reiniciar da guerra na Europa, as cobranças de impostos na América hispânica torna-se insustentáveis. Doações eram exigidas de famílias ricas do Peru e México. Os soldos militares e públicos também sofreram com os cortes. Por certo muitas das doações eram realizadas pelos peninsulares e funcionários ricos da América, mas outras eram compulsórias, gerando crise na sociedade colonial em razão das insatisfações. O decreto *consolidación*, de 26 de Dezembro de 1804, fora o estopim, pois confiscava os fundos de caridade na América em sua remessa para a Espanha.

No México, a *consolidación* atacou a Igreja em seu ponto mais vulnerável: suas finanças. O acúmulo de capital Católico era enorme, gerando desconfiança (ou interesse) entre os Bourbons, pois possuíam instituições financeiras (realizadoras de empréstimos aos *hacenderos* e comerciantes a cerca de 5% ao ano) que auxiliavam a todos que desejassem adquirir propriedade ou terras no México.

Os principais atingidos indiretamente foram os pequenos e médios proprietários, vendo-se obrigados a venderem suas propriedades em condição desfavorável (baixos preços) para sanar suas dívidas. Até mesmo mineiros e comerciantes viram-se atingidos, provocando insatisfações tanto entre os *peninsulares* quanto entre os *criollos*. Até mesmo grandes proprietários viram-se prejudicados, ao venderem suas propriedades em razão de não poderem saldar suas dívidas. Muitos tiveram suas propriedades confiscadas e vendidas em leilão. “O bispo Manuel Abad y Queipo, que estimava o valor total do capital da Igreja investido na economia mexicana em 44,5 milhões de pesos, ou dois terços de todo capital investido, advertiu o governo de que a resistência seria forte.”^[19] Manuel Godoy, o Primeiro-Ministro de Carlos IV, não lhe deu ouvidos quando Abad y Queipo viajara para Madrid para contestá-lo.

Como a Espanha enfrentava problemas internos com a invasão de Napoleão, o decreto imperial é revogado primeiramente pelo Vice-Rei (em Agosto de 1808) e depois pela Junta Suprema instalada em Sevilha (em Janeiro de 1809). Este confisco ajudou a criar uma união antes impensável na América espanhola, unindo ricos e pobres, peninsulares e *criollos* contra o grande mal: a Espanha. Era a decadência da política externa Bourbon.

A imprensa *criolla* havia criado um inicial sentimento cultural de Nacionalismo. Isso ficou claro no México, Peru e Chile. Esse Nacionalismo cultural prepara os americanos para uma futura atitude política de defesa dos seus interesses. Nota-se também entre os jesuítas expulsos em 1767, exilados na Europa, o nascer de uma literatura Nacionalista, como é notado no jesuíta peruano Juan Pablo Viscardo em sua obra *Lettre aux Espagnols-Américains*, de 1799. “‘O Novo-Mundo’ escreveu Viscardo, ‘é nossa pátria, e sua história é a nossa, e é nessa história que devemos buscar as causas de nossa presente situação.’”^[20] Existia ali a presença da consciência de um passado histórico de sua pátria. Isso não só motivou Viscardo, como uma gama de outros jesuítas americanos exilados na Europa que desejavam sanar a ignorância dos europeus para com a América. Esse americanismo literário teve maior influência na América espanhola do que a própria Ilustração, “(...) purificada de ideologia e reduzida a um programa de modernização no seio da ordem estabelecida.”^[21]

Apesar disso, a literatura enciclopedista chega à elite da América espanhola via EUA. O conservadorismo e respeito às Tradições coloniais os fazem sobrepujar as ideias da Revolução Francesa, fazendo-os ter como maior exemplo a Revolução Norte-americanista. Essa característica podemos encontrar em Francisco de Miranda e em Bolívar. Ela fora absorvida por reformistas que não desejavam uma destruição do Estado ao modelo francês. Mesmo assim houveram tentativas de publicação da Declaração Francesa dos Direitos do Homem, documento este já proibido na América pela Inquisição de Cartagena. Em 1793 quem se encarrega de sua publicação é um jovem *criollo* rico de Bogotá, Antonio Nariño,

cujas cópias são todas destruídas e seu autor exilado por traição! Um letrado preso acusado de subversão. Esta propaganda, cabe salientar, se restringia à elite, não caracterizando assim um intuito revolucionário de maiores proporções.

As trocas entre a América hispânica e os EUA não ficara somente restringida ao comércio, mas também à disseminação de idéias libertárias. “Cópias da Constituição Federal e da Declaração de Independência, traduzidas para o espanhol, foram trazidas para a região por comerciantes norte-americanos, cujas idéias liberais coincidiam com seu interesse no crescimento de um mercado livre de monopólio.”^[22] Não só isso, obras de Tom Paine, John Adams, Jefferson e Washington circulavam com certa liberdade na América espanhola. A admiração de Bolívar por Washington era conhecida, assim como a visita de Francisco de Miranda à New York em 1784, quando toma conhecimento da idéia de liberdade proposta pelos EUA. O Federalismo Republicano dos Estados Unidos serve de inspiração à diversos países latinos no momento de formalizar suas Constituições. Miranda observou em 1799, numa comparação entre as Revoluções em França e EUA: “Temos diante dos olhos dois grandes exemplos, a Revolução Americana e a Francesa. Vamos imitar com prudência a primeira e evitar cuidadosamente a segunda.”^[23] Daí a compreender uma incapacidade espanhola em barrar a divulgação dos novos ideias ocidentais no Novo-Mundo, o que favorece no intuito de eliminação de sua interposição em todos os níveis da América hispânica. Temos o crescimento dos ideias libertários e de independência que irão margear esta América a partir do início do século XIX.

O próprio Miranda temia muito mais a anarquia na América que a revolução, receoso que estava da insurreição negra de Saint-Domingue, demonstrando ser antes um conservador *criollo* nas questões sociais que um revolucionário sedento por mortes e carnificinas. Se a declaração da independência do Haiti, em 01 de Janeiro de 1804, servira de exemplo para as outras colônias, também servira de advertência quanto a quem deve tomar as rédeas das outras incubadas revoluções, quanto ao fato de não se instigar radicalismos oposicionistas entre raças.

A Espanha estava debilitada, em 1808, com a proximidade napoleônica de suas terras. Em Março de 1808 Carlos IV abdica em favor de seu filho, Fernando VII, exonerando Manuel Godoy. Mas Madrid havia sido tomada e em 05 de Maio de 1808, sendo que Napoleão força Carlos IV e Fernando VII a abdicarem de seu reino. José Bonaparte é então nomeado rei da Espanha e das Índias no mês subsequente.

Na Espanha há um embate fervoroso pela independência da França. A junta nomeada para dar conta da situação, em Janeiro de 1809, “(...) lançou o decreto pelo qual os domínios da América deixavam de ser colônias para transformar-se em parte integrante da monarquia espanhola.”^[24]

Na América esta ação gera uma dicotomia. A que Rei respeitar se não havia mais um Rei (ao menos legítimo)? “Os *criollos* tiveram de decidir sobre o melhor modo de preservar sua herança e manter-se no controle.”^[25] A América espanhola a partir de então não seria mais a mesma, dando vazão a diversos tipos de mobilizações que iriam, agora, de encontro às resoluções francesas. São iniciados, através de focos de resistência na América (que se expandem de Norte a Sul), movimentos de independência - inevitáveis - de quem quer que estivesse no domínio na Espanha. Inevitáveis e irreversíveis!

Bibliografia

LYNCH, John. **As Origens da Independência na América Espanhola**, In BETHEL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência a 1870*. São Paulo/Brasília, EDUSP/Imprensa Oficial do Estado: 2001 (Vol. III), pp. 19-72.